

Variações Goldberg, de J.S. Bach

Pedro Burmester

28/06 *sáb* 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Claustro D. Dinis

Co-produção:



Programa

J. S. Bach (1685–1750)

Variações Goldberg, BWV 988 (1741)

Aria

Variatio 1 a 1 Clav.

Variatio 2 a 1 Clav.

Variatio 3 Canone all'Unisono. a 1 Clav.

Variatio 4 a 1 Clav.

Variatio 5 a 1 ovvero 2 Clav.

Variatio 6 Canone alla Seconda. a 1 Clav.

Variatio 7 a 1 ovvero 2 Clav. Al tempo di Giga

Variatio 8 a 2 Clav.

Variatio 9 Canone alla Terza. a 1 Clav.

Variatio 10 Fughetta. a 1 Clav.

Variatio 11 a 2 Clav.

Variatio 12 Canone alla Quarta. (a 1 Clav.)

Variatio 13 a 2 Clav.

Variatio 14 a 2 Clav.

Variatio 15 Canone alla Quinta. a 1 Clav. Andante

Variatio 16 Ouverture. a 1 Clav.

Variatio 17 a 2 Clav.

Variatio 18 Canone alla Sesta. a 1 Clav.

Variatio 19 a 1 Clav.

Variatio 20 a 2 Clav.

Variatio 21 Canone alla Settima. (a 1 Clav.)

Variatio 22 a 1 Clav. Alla breve

Variatio 23 a 2 Clav.

Variatio 24 Canone all'Ottava. a 1 Clav.

Variatio 25 a 2 Clav. Adagio

Variatio 26 a 2 Clav.

Variatio 27 Canone alla Nona. a 2 Clav.

Variatio 28 a 2 Clav.

Variatio 29 a 1 ovvero 2 Clav.

Variatio 30 Quodlibet. a 1 Clav.

Aria da Capo

Ficha artística

Pedro Burmester, *piano*



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

A volta genial de Pedro Burmester às *Variações Goldberg* acontece como o de um sábio preparado para regressar a casa. A magnífica obra de Bach encontra agora o pianista numa interpretação que só pode fazer quem maturou e já atravessa o monumento musical em pura intuição. Se alguma coisa imediatamente nos chamava atenção no gesto de Burmester para com esta obra era a abertura dos tempos, uma permissão que levava o intérprete a instalar climas verdadeiramente distintos na partitura que, sendo uma, é necessariamente um objeto múltiplo, convocando cânones díspares e estados de espírito até contrastantes. Pois, avançando em relação à gravação dos anos de 1990, o gesto de Burmester é ainda menos rígido, diria que fluido, num ímpeto liberto que apenas os que sabem podem dominar sem se perderem. O espanto da primeira gravação redobra agora. E julgo que o ponto fundamental está na intuição, o modo como a obra se transforma num corpo que apenas os melhores podem domesticar. Neste sentido, estas *Variações* vêm às mãos de Burmester como um animal de carinho, amante, e escutam-se com a mesma paixão com que se toca alguém. Não é por acaso que em inúmeras passagens, nas progressões que Bach propõe, tenho a impressão de sentir a Burmester a mesma falha cardíaca dos enamorados, aquele instante em que não se respira, o coração que morre por um segundo para ressuscitar em esplendor logo a seguir. Como a nascer tudo de novo. Há algo de mais limpo que, ainda assim, permite maior identidade. Esta é uma versão pessoalíssima. E se o mito conta que a obra valia para cuidar dos sonos do embaixador da Rússia, é verdade que a mim me comove como pode suscitar certa alegria contida e

como, a dada altura, mais do que deitar o embaixador me dá a sensação de haver uma despedida. A *Variação XXV*, talvez a minha favorita de sempre, o *Adagio*, é mais morredora e suscita a mais brilhante interioridade. Burmester oferece uma dolência, uma solenidade que se torna quase matéria parando nossos corpos. Pareceu-me que tudo era mais e mais longe, como se até entre o pianista e o piano houvesse uma lonjura, um afastamento que os obrigasse a ir embora um do outro, a tocarem-se à distância, pela memória ou pela saudade. Não há senão a magia para explicar tal coisa. Quando em menino entendi que Bach variava o baixo harmónico, a harmonia, ao invés da melodia, pensei que escolheu lidar com as costas da música. Algo que existe na estrutura mais discreta onde o edifício sempre mais encantatório da melodia se vai erguer. A revolucionária, e profundamente didática, proposta do maravilhoso mestre desafia nossa atenção, primeiro porque nos priva daquela espécie de açúcar que existe na melodia do tema. Não voltamos ao que mais nos delicia na ária, a sara-banda tão perfeita de onde parte. Depois, porque nos obriga a encontrar a beleza na trilha mais amarga. Extrai a obra do lado que seria menos fértil, de verdade como quem procura amar e ser amado por uma pedra. Pedro Burmester tem essa capacidade inteira, a de criar a condição cardíaca numa pedra. Este disco é o encontro de perfeitos. Bach e Burmester. Os séculos desaparecem para que os dois se unam como partes de uma mesma inteligência. Uma que arrisca tudo, porque o que existia era pouco. Era preciso existir muito mais.

Valter Hugo Mãe

Biografias



© Adriana Romero

Pedro Burmester

Nasceu no Porto, em 1963. Deu o primeiro recital aos 10 anos, tendo atuado, desde então, como solista, em música de câmara e com orquestra, em diversas salas de referência, como o Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, a Sala Suggia da Casa da Música, os Coliseus do Porto e Lisboa, a Sydney Opera House, o Beijing Concert Hall, o Auditório Nacional de

Madrid, o Kennedy Center, o Concertgebouw, o Teatro Ghione, entre muitas outras. Foi aluno de Helena Sá e Costa durante 10 anos. Aperfeiçoou os seus estudos nos Estados Unidos com Sequeira Costa, Leon Fleisher e Dmitri Paperno. Participou em cursos e *masterclasses* de Jörg Demus, Aldo Ciccolini, Karl Engel, Moura Castro, Eric Heidsieck, Lev Vlasenco, Vladimir Ashkenazy, Peter Lang, Tatiana Nikolaïeva e Elisabeth Leonskaia. Foi também bolseiro do Ministério da Cultura da Áustria e frequentou a Academia de Verão de Salzburgo, durante 10 anos consecutivos. Em 1983, venceu o 2.º prémio Vianna da Motta e, em 1989, recebeu o prémio especial do júri do concurso Van Cliburn, nos Estados Unidos. Foi solista com praticamente todas as orquestras portuguesas e diversas orquestras internacionais, como a Australian Chamber Orchestra, Manchester Camerata, Orchestre Philharmonique Royal de Liège, London Symphony Orchestra, Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Zagreb Philhar-

monic Orchestra, entre outras. Partilhou o palco com 65 maestros nacionais e internacionais, entre os quais Frans Brüggen, Jan Latham-Koenig, Lothar Zagrosek, Michael Zilm, Paavo Järvi, Sir Georg Solti, Joana Carneiro, Isaac Karabtschewsky, Leopold Hager, Peter Rundel e Baldur Brönnimann. Em formação de música de câmara, atua regularmente com o pianista Mário Laginha; colaborou com outros músicos, como Anner Bylsma, António Saiote, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Jed Barahal, Thomas Zehetmair, Augustin Dumay, David Geringas e Mischa Maisky. Gravou o primeiro disco em 1987, com obras de Schumann e Schubert (Edição EMI), e desde então editou vários discos a solo, com orquestra e música de câmara, num total de 18 gravações. É ainda docente da licenciatura e mestrado de Piano e Música de Câmara, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto, além de responsável por diversas masterclasses de formação a jovens pianistas.

Consulte a programação em www.cistermusica.com

